
A Psicologia do Esporte em um Programa Social: o psicólogo como facilitador da relação professor-aluno

*Isabelle Vasconcelos Kalinka,
Rodrigo de Vasconcellos Pieri*

Resumo

Este artigo apresenta o relato de experiência de uma acadêmica de psicologia em suas primeiras vivências como estagiária em psicologia do esporte (PE). O estágio aconteceu no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN), instituição pertencente à Marinha do Brasil e polo de implementação do Programa Forças no Esporte (PROFESP). Com o objetivo de inclusão social através do esporte, o PROFESP atende crianças e adolescentes de 7 a 17 anos que residem no entorno do CEFAN, localizado próximo ao Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. A atuação dos estagiários iniciantes era voltada para a observação de campo, compartilhamento de vivências e realização de relatórios com embasamento teórico e propostas de intervenção. Foram essas atividades que deram origem ao presente artigo, que abordará temas como agressividade, empatia e gênero no esporte. No que concerne à agressividade, a presença da Psicologia do Esporte pode facilitar o diálogo a fim de compreender e ressignificar os comportamentos e os sentimentos apresentados. Destaca-se, ainda, o trabalho focado nas habilidades empáticas tanto do professor quanto dos alunos. Já no que diz respeito às questões de gênero, apesar de o Programa contar com aulas mistas, sentiu-se falta de um espaço comum de elaboração e reelaboração. Para estas e outras questões destaca-se a importância da presença da equipe de psicologia para a promoção de um ambiente mais saudável e acolhedor.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, agressividade, empatia, gênero.

Sports Psychology in a Social Program: the psychologist as facilitator of the teacher-student relationship

Isabelle Vasconcelos Kalinka, Rodrigo de Vasconcellos Pieri

Abstract

This article presents an experience report of a psychology academic in her first experiences as an intern in sport psychology (PE). The internship happened at the Almirante Adalberto Nunes Physical Education Center (CEFAN), belonging institution to the Brazilian Navy and implementation center of the Forces in Sport Program (PROFESP). With the objective of social inclusion through sports, PROFESP attends children and adolescents between the ages of 7 and 17 residing in the surroundings of CEFAN, located near the Maré Complex in Rio de Janeiro. The work of the beginners interns was directed to field observation, exchange of experiences and accomplishment of reports with theoretical foundations and intervention proposes. Was these activities that gave origin to the article, that will broach topics as aggressiveness, empathy and gender in sports. In what concerns to aggressiveness, the presence of Sport Psychology can facilitate dialogue in order to understand and redefine the behaviors and feelings presented. Also noteworthy is the work focused on the empathic skills of both the teacher and the students. Regarding gender issues, although the Program has mixed classes, a common space for elaboration and re-elaboration was missed. For these and other issues, the importance of the presence of the psychology team to promote a healthier and more welcoming environment is highlighted.

Key-words: Sport Psychology, aggressiveness, empathy, gender.

La Psicología del Deporte en un Programa Social: el psicólogo como facilitador de la relación professor-alumno

Isabelle Vasconcelos Kalinka, Rodrigo de Vasconcellos Pieri

Resumen

Este artículo presenta el relato de experiencia de una académica de psicología en sus primeras vivencias como pasante en psicología del deporte (PE). La práctica se realizó en el Centro de Educación Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN), institución perteneciente a la Marina de Brasil y polo de implementación del Programa Fuerzas en el Deporte (PROFESP). Con el objetivo de inclusión social a través del deporte, el PROFESP atiende a niños y adolescentes de 7 a 17 años que residen en el entorno del CEFAN, situado cerca del Complejo de la Maré, en Río de Janeiro. La actuación de los pasantes iniciantes estaba orientada a la observación de campo, compartir vivencias y realización de informes con base teórica y propuestas de intervención. Fueran estas actividades que dieron origen al presente artículo, que abordará temas como agresividad, empatía y género en el deporte. En lo que concierne a la agresividad, la presencia de Psicología del Deporte puede facilitar el diálogo a fin de comprender y replantear los comportamientos y sentimientos presentados. También se destaca el trabajo centrado en las habilidades empáticas tanto del profesor como de los alumnos. A respecto de las cuestiones de género, aunque el Programa tiene clases mixtas, se extrañó un espacio común de elaboración y reelaboración. Para estos y otros temas, se destaca la importancia de la presencia del equipo de psicología para promover un ambiente más saludable y acogedor.

Palabras-clave: Psicología del Deporte, agresividad, empatía, género.

Introdução

O presente artigo pretende expor a experiência vivenciada por uma acadêmica do quinto período em psicologia em seus primeiros passos como estagiária em psicologia do esporte. A universidade em questão é o Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam). O local de estágio foi o Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN). A universidade nos oferecia um professor responsável pelo estágio, seu papel era acompanhar nosso trabalho no campo, além de orientar, supervisionar e propor discussões teóricas à prática dos estagiários.

A Unisuam oferece a prática acadêmica em psicologia do esporte (PE) desde o ano de 2014. Acredita-se que o estágio em PE dentro das grades curriculares sejam oportunidades de observação e intervenção em uma importante especialidade da Psicologia no Brasil. Além disso, aponta-se para importantes vivências e aprendizagens, pessoais e acadêmicas, no processo de desenvolvimento universitário. Diferentes foram as instituições esportivas parceiras durante este período: Olaria Atlético Clube, Madureira Esporte Clube, Centro de Treinamento de Deodoro, Programa Forças no Esporte (PROFESP) de responsabilidade da Marinha Nacional e a própria universidade, com sua atlética e clínica esportiva do SPA. Diversas, também, foram as modalidades, idades e experiências vivenciadas por outras estagiárias e estagiários.

No segundo semestre do ano de 2018 a turma de psicologia do esporte do Unisuam realizou, pelo quinto semestre consecutivo, seu estágio no CEFAN. Após quatro encontros em sala de aula, onde pudemos nos aprofundar um pouco mais nos conceitos teóricos e metodológicos da PE, a partir de debates, leituras e exposição de filmes, no dia dezanove de setembro conhecemos o nosso campo de estágio.

Com a proposta de contribuir para o desenvolvimento das habilidades de observação e de planejamento de intervenções, o estágio era dividido, semanalmente, em três atividades principais. A primeira consistia na observação por parte dos estagiários do quinto período e na observação e intervenção pelos estagiários do sétimo período em diante. A segunda era a organização de uma roda de conversa para a troca de informações e saberes, o que permitia que os estagiários e o professor se inteirassem dos fenômenos observados e das intervenções colocadas em prática, além de promover uma maior integração da equipe de psicologia. Já a terceira atividade, consistia na produção individual de relatórios que interligassem as observações feitas às pesquisas bibliográficas específicas da psicologia, de preferência a do esporte. A última parte do relatório trazia propostas de intervenção para o próximo encontro. Mesmo tendo ocorrido no período de um semestre o que veremos a seguir são três experiências que marcaram o meu processo como estagiária em psicologia do esporte.

No CEFAN, que fica localizado próximo ao Complexo da Maré, ocorre o PROFESP. No programa crianças e adolescentes, entre 7 e 17 anos, conhecem e praticam modalidades esportivas tais quais: basquetebol, futebol, vôlei, levantamento de peso olímpico (LPO), *taekwondo* e *wrestling*. Logo no primeiro dia a equipe de estágio foi recepcionada pela Tenente coordenadora do programa, que explicou o funcionamento do mesmo, o que foi crucial para que compreendêssemos melhor a realidade social dos participantes atendidos pela instituição e a proposta do programa.

Sendo uma iniciativa conjunta dos Ministérios da Defesa e do Esporte, cujo objetivo é a inclusão social de crianças/adolescentes por meio do esporte, o PROFESP ocorre em instituições militares. No Rio de Janeiro o principal polo do Programa é o CEFAN. Espaço integrante da Marinha do Brasil, localizado na Avenida Brasil, uma das principais vias da cidade. Para fazer parte da equipe é necessário residir na área programática onde o CEFAN está situado e estar matriculado em escolas do estado ou do município. Importante destacar que a Unisuam pertence ao mesmo território e que a Pastoral do Menor, instituição vinculada à Arquidiocese da cidade, é responsável por fazer a análise social e o acompanhamento escolar de cada participante.

A fim de apresentar a importância, os desafios e os possíveis impactos deste período de estágio em PE na minha formação acadêmica este relato foi estruturado em três partes: agressividade no esporte, empatia no esporte e gênero e esporte. Os três temas foram destaques em minhas observações de campo e por isso foram estudados, discutidos em supervisão e estiveram presentes em meus relatórios semanais. A agressividade é um tema bastante discutido em PE, tendo sido estudada por autores como Weinberg e Gould (2017), Marques (2003), Bidutte; Azzi; Raposo e Almeida (2005), e Bartholomeu e Machado (2008). Rose Júnior (2002) apud Scalon (2015), por exemplo, destaca que a agressividade é um tema que merece ser considerado ao analisar o esporte praticado na infância e adolescência. Outro tema enfatizado, por diferentes autores (Scalon, 2015; Meireles; Pieri; Medeiros; Rocha e Oliva, 2017), como importante no que se refere à criança e esporte é a empatia, tanto no que se refere a jogos cooperativos e suas consequências, quanto à relação treinador e aluno. Por fim, Altmann (2015) se dedica aos estudos de gênero e esporte. Segundo a autora, o esporte trata-se de um fenômeno socialmente construído ao longo da história e perpetuador da hegemonia cultural masculina, sustentando seus regimes de verdade nas diferenças biológicas do corpo humano.

Vale ressaltar, mais uma vez, que neste contato inicial me cabia observar durante o trabalho de campo, compartilhar as vivências com os outros discentes e desenvolver um relatório com embasamento teórico e proposta de intervenção para o encontro seguinte. Mesmo não havendo atuação prática, esta proposta de estágio é fundamental, pois a observação é um dos pilares para a atuação do psicólogo e normalmente serve como base para o planejamento de intervenções (Hutz; Bandeira e Trentini, 2015; Dishion e Granic, 2003). A proposta em questão pode contribuir para a formação de profissionais mais bem preparados para o mercado, uma vez que exercita práticas viscerais do psicólogo, como a observação, o planejamento de intervenções e a produção de trabalhos científicos. Além de poder facilitar o aprimoramento contínuo do programa por meio da troca de ideias e vivências entre os discentes.

Primeiro Momento – agressividade no esporte

Em sua fala a Tenente nos relatou que para muitos dos participantes a motivação principal para frequentar o PROFESP era a alimentação, pois lhes eram ofertados almoço e lanche. Além disso, a mesma destacou que o

comportamento agressivo era algo recorrentemente apresentado, o que me chamou muito a atenção, pois no meu primeiro contato com as crianças, antes de estar com a Tenente, me surpreendi com a disciplina e o respeito que elas apresentavam. Cheguei a pensar se tais comportamentos poderiam ser produto da própria cultura militar.

Comportamentos agressivos podem ser reforçados e mantidos pelas relações que se estabelecem em determinados contextos e podem ser uma forma mais fácil de alcançar objetivos, o que é visto como vantajoso pelo indivíduo (Lisboa, 2005; Luizzi e Rose, 2010). Lisboa (2005) considera que a agressividade é um processo e esta surge na interação social, tendo o objetivo de causar danos ou prejudicar alguém e, sendo um processo, o correto é dizer que a criança está agressiva e não que ela é agressiva. No entanto, a autora sinaliza que a agressividade também está relacionada à nossa capacidade adaptativa e que nem sempre é utilizada com o intuito de machucar alguém, principalmente nas fases da infância e adolescência.

É necessário ter em mente que a agressividade pode fazer parte do desenvolvimento progressivo das crianças, já que elas estão o tempo todo se adaptando a ambientes e papéis diferentes (Lisboa, 2005). Além de compreender que a criança está agressiva em um dado momento por estar naquele ambiente específico (Lisboa, 2005). Portanto, estudar a agressividade é estudar as relações e o ambiente do indivíduo.

No contexto esportivo, para aqueles que não estão acostumados, a agressividade muitas vezes pode ser confundida com competitividade. Segundo Sanches e Rubio (2011), a competitividade está muito presente em nossas vidas de um modo geral, não só nos esportes ou na adolescência, e se ela for bem canalizada pode trazer benefícios a todos os envolvidos. A competitividade vem aumentando cada vez mais na sociedade contemporânea, contribuindo para um alto índice de estresse (Sanches e Rubio, 2011), o que pode acarretar em comportamentos agressivos, tanto para descontar frustrações quanto por almejar determinada posição e considerar essa alternativa a melhor (Sanches e Rubio, 2011; Lisboa, 2005).

A agressividade e a competitividade, todavia, também são passíveis de intervenção e não são obrigatoriamente negativas. Nesse sentido, não devem ser vistas como intrinsecamente nocivas e podem ser trabalhadas através do viés da cooperação, promovendo a amizade e o respeito entre os competidores. Para Candreva et al. (2009) jogos cooperativos podem contribuir positivamente para a redução da agressividade, facilitando a promoção da criatividade, a empatia, o espírito de grupo e a solidariedade. Ou seja, estimulando a criança a conviver em sociedade.

Bandura (1977) apud Tomé e Valentini (2006), com relação à agressividade atrelada ao gênero, afirmam que os garotos apresentam uma agressividade física maior em comparação às meninas, porém, as meninas agredem mais verbalmente que os meninos. Na pesquisa realizada por eles, com o intuito de investigar se a prática esportiva de fato pode ser um agente controlador da agressividade, a amostra normativa foi de praticantes de atividades físicas sistemáticas e sedentários, cujo objetivo foi medir as diferenças entre os dois grupos. Os resultados obtidos apontam que indivíduos que praticam atividades físicas constantes tendem a apresentar

uma menor agressividade que indivíduos que não praticam nenhuma atividade física e, segundo os autores, a mesma possibilita o distanciamento dos problemas cotidianos, aumentando o sentimento de bem-estar (Tomé e Valentini, 2006).

Perante os comportamentos agressivos apresentados pelas crianças que participam do PROFESP, até então, a medida tomada era a desvinculação do projeto. Este encontro oportunizou que dialogássemos se de fato esta era a melhor opção. Refletimos se assim não se perdia a possibilidade de uma intervenção a longo prazo a fim de compreender e ressignificar esse comportamento e os sentimentos apresentados. A solução encontrada pelos profissionais do PROFESP foi a então suspensão das atividades realizadas pelas crianças que haviam tido algum comportamento agressivo, além da produção de relatórios temáticos.

Ainda que a equipe de estágio já atuasse no PROFESP há dois anos e meio este era o meu, e dos colegas da minha turma, primeiro contato. Fomos incentivados pelo professor supervisor a pensar sobre uma possível intervenção para o próximo encontro com essas crianças. Considerando Luizzi e Rose (2010) foi proposta uma roda de conversa para identificar quais são as demandas interpessoais e de adaptação existentes no grupo, com a finalidade de elaborar propostas não agressivas. Essas propostas seriam pensadas pelas próprias crianças e, dessa maneira, seria possível observar e trabalhar suas habilidades em perceber e resolver possíveis conflitos sem recorrer à violência. Vale ressaltar que habilidades são aperfeiçoadas com o tempo, logo, esse trabalho deveria ser contínuo.

Segundo Momento - empatia no esporte

No dia vinte e quatro de outubro foi observado o treinamento da equipe de Levantamento de Peso Olímpico (LPO). Dentre as observações feitas, a importância das interações entre as crianças/adolescentes e destas com o professor foi evidenciada. O esporte, como agente socializador, pode introduzir hábitos e regras sociais úteis para a vida dos atletas, contribuindo para o desenvolvimento físico, psíquico e emocional dos mesmos.

O relacionamento em equipe esportiva tende a ser um facilitador para o desenvolvimento de algumas importantes características para se viver em sociedade, por exemplo respeito, confiança, cooperação e responsabilidade (Aquino, 2010). Apesar do LPO ser um esporte individual, no CEFAN os participantes são divididos em pequenos grupos por tablado, o que permite uma interação maior entre eles. Essa interação é indispensável, pois estamos falando de um programa social, que visa o desenvolvimento biopsicossocial de seus participantes.

Aquino (2010) defende que se houver um trabalho bem feito do psicólogo do esporte com o grupo, este facilitará o desenvolvimento psíquico do sujeito, o aumento da cooperação, da resolução de conflitos, do estabelecimento de metas eficazes e o desenvolvimento da própria equipe. A autora realizou uma pesquisa na qual foram entrevistados 13 atletas na faixa etária de doze a dezesseis anos, que integravam diferentes equipes administradas por uma ONG da zona sul do Rio de Janeiro, cujo esporte principal era o basquetebol. Dentre os tópicos levantados nas entrevistas,

destaco o de trabalho em equipe e o depoimento do atleta denominado pela autora como atleta 12:

É bom, você tem que começar a aprender porque cada um é de um jeito e você não pode mudar a pessoa só porque você não quer que ela seja deste tal jeito. No início foi difícil porque vem uma pessoa estressada, outra é mais calma e você tem que saber que a fulana é mais estressada e eu tenho que chegar com mais cuidado, se não ela vai achar que eu estou falando isto para chatear (Aquino, 2010, p. 135).

Esse relato indica a hipótese de que o projeto em questão pode estar promovendo o desenvolvimento da empatia nesse praticante, dado que o mesmo se preocupa em “chegar com mais cuidado” no colega que, segundo ele, é mais estressado para não gerar conflitos. Eisenberg e Strayer (1987) apud Cecconello e Koller (2000, p. 77) definem a empatia como “uma resposta emocional que deriva da percepção do estado ou condição de outra pessoa, sendo congruente com essa situação”.

A prática esportiva vem se mostrando eficiente como agente desenvolvedor das habilidades sociais das crianças e adolescentes, uma vez que, como demonstrado nas pesquisas citadas acima, a mesma promove a cooperação e a resolução de conflitos. Essas habilidades estão relacionadas à empatia que, por sua vez, segundo Cecconello e Koller (2000), se interliga à competência social e à resiliência. Esta última está associada a fatores protetores que permitem que crianças em situação de risco contornem e superem as dificuldades que vivenciam (Sapienza e Pedromônico, 2005).

Sanches (2007) enfatiza que não são apenas as crianças pobres que se encontram em situação de risco. Desse modo, a implementação de programas sociais esportivos que estimulem a empatia e a resiliência a crianças/adolescentes de distintas realidades sociais é essencial. Habilidades essas que, como já vimos, são potenciais transformadoras, bem como preparadoras, para a vida em sociedade.

Como pude observar no LPO, a distribuição dos participantes em pequenos grupos permitia que eles se ajudassem, trocassem informações sobre como realizar os exercícios e administrassem os conflitos que surgiam, visto que por vezes discordavam quanto à melhor técnica. Essas observações confirmam a correlação entre a prática esportiva e o desenvolvimento social de crianças e adolescentes. Ainda sobre a capacidade de resolução de conflitos, ocasionalmente as crianças recorriam ao professor para obterem a confirmação da instrução, o que ressalta a relevância do papel de liderança a ser desempenhado por ele.

Gould e Carson (2008) apud Camiré, Trudel e Forneris (2012), evidenciam a influência que o treinador exerce no comportamento e desenvolvimento de jovens atletas. Para os autores, o profissional deve proporcionar um ambiente que previna o envolvimento dos jovens em comportamentos de risco, assim como deve apresentar atitudes positivas frente às adversidades a fim de ser um modelo a ser seguido. Segundo Corrêa, Marques e Paludo (2017), o professor deve se atentar, ainda, para

seu estilo de comunicação, reforçando positivamente seus alunos por meio de elogios, encorajamento e instrução técnica. Para a construção de um ambiente esportivo saudável, que proporcione uma dinâmica positiva professor-aluno, é necessário que o treinador possua uma boa capacidade empática, capacidade essa que o permite perceber seu atleta, compreender seus sentimentos e emoções relacionados à modalidade esportiva e transmitir que possui essa compreensão (Meireles; Pieri; Medeiros; Rocha e Oliva, 2017).

Como explanado anteriormente, o esporte proporciona interações que podem facilitar aos participantes habilidades de convívio social, tornando-os mais resilientes e empáticos. O treinador pode ser considerado um propulsor dessas habilidades, posto que através de seu estilo de liderança, modo de se comunicar e se expressar pode motivar e servir de exemplo para seus alunos (Oliveira; Voser e Hernandez, 2004; Corrêa; Marques e Paludo, 2017; Camiré; Trudel e Forneris, 2012).

Seria proveitoso que a equipe de psicologia considerasse aprimorar as habilidades empáticas tanto do professor quanto dos alunos, tal como trabalhar a comunicação entre eles. Para semana seguinte propus a realização de uma dinâmica de grupo onde a proposta era a inversão de papéis entre professor e aluno. Durante essa dinâmica, o grupo de alunos deveria se reunir para montar uma série de exercício físico a ser realizada pelo professor. O objetivo de tal proposta era estimular a cooperação e resolução de conflitos entre a equipe e, ao mesmo tempo, fortalecer o vínculo professor-aluno, o que possivelmente resultaria em uma maior coesão grupal.

Terceiro Momento - gênero e esporte

Na semana seguinte da observação relatada no LPO, dia trinta e um de outubro, a modalidade observada por mim foi o basquetebol e o que destaquei, dentre as observações feitas, foi a divisão dos times em equipes mistas, compostas por duas meninas e três meninos cada. A separação dos alunos por gênero, comumente encontrada na prática esportiva, principalmente na disciplina escolar de Educação Física de muitas escolas no Brasil, é uma atitude segregadora e discriminatória, em razão de reproduzir os preconceitos ainda vigentes na sociedade (Nogueira e Rodrigues, 2008).

Segundo Narvaz e Koller (2006), gênero se refere a uma construção cultural sobre as diferenças entre homens e mulheres com base nas características biológicas. Essa construção social e cultural contribui para a idealização de papéis de gênero, que são expectativas compartilhadas acerca dos comportamentos apropriados para os indivíduos, em função do seu gênero socialmente definido (Nogueira, 2001). Assim, a construção de feminilidade e masculinidade decorrem dos discursos produzidos na sociedade e das relações de poder que impõem padrões de comportamento e os naturaliza (Santos, 2010). A partir dos embasamentos acima identifica-se como válido sugere-se que aqueles que trabalham com prática esportiva, por exemplo treinadoras(es) e psicólogas(os), se atentem para as questões de gênero e repensem sua prática profissional, uma vez que esta pode, por vezes, contribuir para a manutenção de estereótipos e preconceitos.

Em um projeto realizado por Araujo e Alexandre (2017), cujo objetivo foi implementar uma intervenção sobre questões relacionadas ao gênero e esportes dentro do ambiente escolar, foram sujeitos de intervenção alunos e alunas do 3º ano do Ensino Médio, na faixa etária de 16 a 18 anos, sendo 11 do sexo feminino e 10 do masculino. As conclusões foram de que há a falta de conhecimento e vivência por parte dos alunos em alguns esportes, por conta da dicotomia esportiva, que acaba sendo reforçada pelos professores de Educação Física, tendo em vista suas escolhas de conteúdo (Araujo e Alexandre, 2017). Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, ao abordar a temática de gênero, afirmam que:

No que tange a questão do gênero, as aulas mistas de educação física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias (Brasil, 1997, p. 25).

Como demonstrado na pesquisa de Araujo e Alexandre (2017), as ações de alguns professores de educação física de separarem certas modalidades esportivas para os meninos e outras para as meninas culminam na limitação da experiência esportiva para ambos os sexos. Mediante às vantagens que as aulas mistas podem oferecer, é evidenciada sua importância para o desenvolvimento social infanto-juvenil. Importância essa que se interliga ao objetivo do PROFESP de inclusão e transformação social, dado que elas podem contribuir para a conscientização e promoção do respeito à diversidade. Podendo também ampliar as vivências com relação ao esporte, contribuindo para a percepção de um ambiente integrador e acolhedor.

Na pesquisa feita por Monteiro (2016), realizada em uma escola estadual de Nova Iguaçu-RJ, foram realizadas entrevistas com 10 alunas/os do 3º ano do ensino médio. Quanto ao questionamento acerca das aulas mistas em Educação Física, ressaltou os seguintes depoimentos:

Os meninos são sempre melhores [...] [eles] têm mais força. Homem sempre é bom nesse negócio de físico, preparo, basquete, vôlei, sempre o homem é melhor (MPART2).

Segue em Monteiro (2016, p. 62)

As meninas não tem a mesma resistência que os garotos, quer dizer para competir com os garotos as meninas não podem e a questão é isso mesmo (HSEMPART2).

O primeiro relato foi feito por uma menina (M – mulher) que participa das atividades de Educação Física (PART – participa) e o segundo por um menino (H – homem) que não participa das aulas (SEMPART – não participa). A pesquisa mostra a naturalização das diferenças entre homens e mulheres atreladas à construção de gênero (Monteiro, 2016). O que adverte para uma reflexão crítica a respeito do papel dos profissionais nos cenários

esportivos, que, por sua vez, também são sujeitos culturais e sociais, não estando livres desse processo de naturalização.

Monteiro (2016) frisa que as aulas mistas de educação física devem ser um espaço gerador de debates reflexivos quanto às relações de gênero estabelecidas pela sociedade e que os professores devem se atentar para o seu caráter transformador, não as tornando em um espaço de mera convivência entre meninos e meninas. Ao levarmos em consideração às observações feitas no CEFAN, senti falta de um espaço comum de elaboração e reelaboração, onde os próprios alunos e o professor possam se expressar, questionar, refletir, fixar e internalizar o saber construído conjuntamente por eles.

Uma possível intervenção da equipe de psicologia do esporte nesta perspectiva seria a realização de uma roda de conversa, com a participação de todos envolvidos no projeto social esportivo, crianças/adolescentes e professor, a fim de indagá-los em relação ao que significa ser homem e ser mulher na vida cotidiana e no esporte. Propor questionamentos com o objetivo da reflexão sobre as diferenças sociais existentes entre os sexos, buscando desconstruir estereótipos presentes no mundo esportivo e promover a inclusão e o respeito às diversidades, bem como conscientizar o professor sobre a temática.

Considerações finais

Diante das observações de campo, dos relatórios elaborados e das elucidações feitas neste presente artigo, pode-se concluir que o PROFESP se mostra eficiente no que diz respeito ao desenvolvimento de crianças/adolescentes através do esporte. Visto que estimula as habilidades empáticas, de resiliência, cooperação, resolução de conflitos, respeito ao próximo e cumprimento de regras sociais. Habilidades essas que se interligam à relação professor-aluno, considerando-se a importância de uma comunicação positiva, motivadora e não agressiva.

A iniciativa de formar equipes mistas em determinadas modalidades facilita a promoção da tolerância e do respeito às diversidades, aprimorando todas as habilidades sociais citadas acima. Porém, como anteriormente mencionado, faz-se necessário que essa iniciativa provoque reflexões sobre as questões de gênero. O que corrobora a importância da presença da equipe de psicologia nesse contexto.

O trabalho do psicólogo do esporte deve colaborar para a compreensão e transformação das relações de educadores e técnicos com os alunos e atletas no processo de ensino e aprendizagem, e nas relações inter e intrapessoais que ocorrem nos ambientes esportivos (CFP, 2001). Seu trabalho deve, ainda, levar em consideração as interferências da cultura na constituição da subjetividade, tomada de decisão e forma de conduzir relações dos indivíduos, já que, devido à estrutura desigual e excludente do país, a violência está extremamente presente no modo de se expressar e de se relacionar dos brasileiros (Lima, 2013). Ainda de acordo com o autor, essa violência culmina no desrespeito ao outro e às regras de convívio, prática comum tanto entre as camadas mais pobres da sociedade, por não se

sentirem incluídas no direito instituído, como por parte das camadas mais abastadas, posto que estas são descrentes na efetividade das leis.

Tendo em mente que um dos motivos para que a violência seja perpetuada em nossa sociedade seja o sentimento de não inclusão das camadas mais pobres e que o objetivo do PROFESP seja exatamente a inclusão destas, sua importância é então confirmada. A presença da equipe de psicologia é fundamental para um desenvolvimento mais satisfatório das crianças e adolescentes e para a promoção de um ambiente mais saudável e acolhedor, visto que sua atuação deve se voltar para as relações presentes nesse contexto, com destaque para a relação professor-aluno.

Salienta-se, assim, a importância de uma continuidade no trabalho da equipe e destaca-se que esses profissionais devem se orientar para uma prática integralizada e consciente de também estarem implicados no processo. Como apontado pela Tenente, comportamentos agressivos são regularmente observados nos participantes, o que, visando uma prática integralizada, deve ser investigado à luz da localização territorial do CEFAN, da constituição e condução de suas relações interpessoais e da cultura na qual estamos inseridos. Frisando essas duas últimas, volta-se a afirmar a importância do psicólogo se perceber no processo, já que sua atuação interfere na dinâmica das relações encontradas na instituição e, como sujeito cultural e relacional, deve avaliar a forma de conduzir suas intervenções, a fim de não apresentar e/ou reforçar comportamentos agressivos.

A experiência de estagiar em psicologia do esporte significou para mim o fortalecimento de um olhar mais integrado a respeito do ser humano e o aprofundamento nos estudos em temas do meu interesse, como o das relações de gênero. Tal como a oportunidade de fazer parte de um projeto social e imergir na dinâmica das relações estabelecidas no CEFAN. Antes do estágio meu conhecimento relacionado à área era mais voltado para o alto rendimento. Após a vivência, o mesmo foi ampliado, compreendo, atualmente, que a PE abarca também práticas direcionadas ao social, à educação, à reabilitação e à clínica.

No que tange ao social, campo essencialmente abordado aqui, devido ao passado de não envolvimento da psicologia com essas questões, o psicólogo deve reafirmar seu compromisso com a sociedade, com os direitos humanos e com a diminuição das desigualdades sociais (Bock, 2003). Também é dever do psicólogo contribuir para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática (CFP, 2005). Todavia, a produção científica voltada à PE requer investimentos urgentes.

Em pesquisa organizada por Yamamoto e Costa (2010), com o objetivo de investigar os escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil, a PE aparece como uma subárea cuja publicação de artigos é muito baixa se comparada a subáreas mais tradicionais, como a educacional e a clínica. Essa escassez de publicação em periódicos persiste ao longo dos anos, como demonstrado em pesquisas posteriores, tais como a de Silva et al. (2012), Andrade et al. (2015) e Dominski et al. (2018). Esse número é ainda mais alarmante no que concerne à publicação de relatos de experiência (Yamamoto e Costa, 2010).

À medida em que a atuação do psicólogo deve se voltar para a diminuição das desigualdades sociais e para o desenvolvimento da psicologia, reforça-se a necessidade de um maior engajamento dos profissionais e estudantes com a PE. Essa área pode representar a oportunidade de colaborar com iniciativas sociais e, além do mais, carece de reivindicação e avanços. Se mais estudantes conhecerem e experimentarem o estágio em PE, possivelmente sua produção científica, inclusive a de relatos de experiência, irá crescer. Sendo assim, convido a todos para a construção de uma psicologia mais abrangente e inclusiva.

Referências

- Altmann, H. (2015). Educação física escolar: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez.
- Andrade, A. et al. (2015). Psicologia do esporte no Brasil: revisão em periódicos da psicologia. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 20(2), 309-317.
- Aquino, G. B. de. (2010). O esporte como elemento socializador e formador de crianças e jovens. *Rev. Científica da Faminas (Muriaé)*, 6(2), 125-140.
- Araujo, R. K. De; Alexandre, V. U. (2017). Gênero e Esporte: quebrando estereótipos nas aulas de Educação Física. Curitiba: *Cadernos de Gênero e Tecnologia (Curitiba)*, 10(35), 69-82.
- Bartholomeu, D.; Machado, A. A. (2008). Estudos iniciais de uma escala de agressividade em competição. *Interação em Psicologia*, 12(2), 189-201.
- Bidutte, L. De C.; Azzi, R. G.; Raposo, J. J. B. V.; Almeida, L. S. (2005). Agressividade em jogadores de futebol: um estudo com atletas de equipes portuguesas. *Psico-USF*, 10(2), 179-184.
- Bock, A. M. B (2003). Psicologia e o compromisso social. São Paulo: Cortez.
- Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF.
- Camiré, M.; Trudel, P.; Forneris, T. (2016). Coaching and transferring life skills: philosophies and strategies used by model high school coaches. *The Sport Psychologist (Ontario)*, 26(2), 243-260.
- Candрева, T. et al. (2009). A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. *Rev. Pensar a Prática (UFG)*, 12(1), 1-11.
- Cecconello, A. M.; Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 5(1), 71-93.
- CFP (2005). Código de ética profissional do psicólogo. Brasília.
- CFP (2001). Resolução nº 02/01. Brasília.
- Corrêa, M. A.; Marques, M. P.; Paludo, S. Dos S. (2017). O estilo de comunicação de professores em projetos sociais esportivos: uma intervenção baseada em filmagens. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (Brasília)*, 7(1), 023-041.

Dishion, T. J.; Granic, I. (2003). *Naturalistic observation of relationship processes*. New Jersey: Wiley.

Dominski, F. H. et al. (2018). Análise da produção científica relacionada à psicologia do esporte em periódicos das ciências do esporte de língua portuguesa. *Journal of Physical Education (Florianópolis)*, 29(1), 1-14.

Hutz, C. S.; Bandeira, D. R.; Trentini, C. M. (2015). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed.

Lima, A. J. T. (2013). Violência e cultura brasileira. *Saber Jurídico (Feira de Santana)*, 9(1), 1-9.

Lisboa, C. S. De M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Luizzi, L.; Rose, T. M. S De. (2010). Intervenções para a prevenção e redução de comportamentos agressivos e a formação de professores. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 18(1), 57-69.

Marques, M. G. (2003). *Psicologia do esporte: aspectos em que os atletas acreditam* (1a ed.). Volta Redonda: Editora da ULBRA.

Meireles, L. V.; Pieri, R.; Medeiros, A.; Rocha, C.; Oliva, A. (2017). Empatia em treinadores esportivos brasileiros. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto (Porto)*, 17, 282-289.

Monteiro, M. V. P. (2016). Gênero e a naturalização das diferenças na Educação Física escolar. *Temas em Educação Física Escolar (Rio de Janeiro)*, 1(1), 53-71.

Narvaz, M. G.; Koller, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 11(3), 647-654.

Nogueira, C. (2001). Feminismo e discurso do gênero na Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, 13(1), 107-128.

Nogueira, M. Do S.; Rodrigues, A. M. Da S. (2008). Meninos, meninas ou todo mundo junto? A questão do gênero nas aulas de Educação Física nas escolas da região sudeste da rede pública municipal de Teresina. UFPI: ANAIS do III Encontro de Pesquisa em Educação Física e Áreas Afins.

Oliveira, J. L.; Voser, R. Da C.; Hernandez, J. A. E. (2004). A comparação de preferência do estilo de liderança do treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal. *Rev. digital efdeportes (Buenos Aires)*, 10(76).

Sanches, S. M.; Rubio, K. (2011). A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e resiliência. *Rev. Educação e Pesquisa (São Paulo)*, 37(4), 825-842.

Sanches, S. M. (2007). A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. *Rev. Brasileira de Psicologia do Esporte (Brasília)*, 1(1), 01-15.

Santos, V. C. Dos. (2010). Índícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física. *Motriz (Rio Claro)*, 16(4), 841-852.

Sapienza, G.; Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 10(2), 209-216.

Scalon, R. M. (2015). *A psicologia do esporte e a criança*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Silva, T. L. G. Da et al. (2012). Análise temática e metodológica da publicação científica em Psicologia no Brasil. *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)*, 18(2), 330-346.

Tomé, T. H.; Valentini, N. C. (2006). Benefícios da atividade física sistemática em parâmetros psicológicos do praticante: um estudo sobre ansiedade e agressividade. *Rev. da Educação Física (Maringá)*, 17(2), 123-130.

Yamamoto, O. H.; Costa, A. L. F. (2010). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*. Natal: Ed. da UFRN.

Weinberg, R. S.; Gould, D. (2017). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício* (6a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Sobre o autor

Isabelle Vasconcelos Kalinka

Graduação em Psicologia - Centro Universitário Augusto Motta

Rodrigo de Vasconcellos Pieri

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professor Universitário de Psicologia da Universidade Santa Úrsula e UFRJ

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rodrigo de Vasconcellos Pieri

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social / Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rua São Francisco Xavier, 524, 10.009-F - CEP 20550-900 - Rio de Janeiro, RJ

E-MAIL

rodrigo.pieri@gmail.com

TELEFONE

+55-21-2334-0236

+55-21-99864-6620